

Amazônia paraense sampleada: o entrelaçar de narrativas, paisagens e cultura digital

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO EM SIMPÓSIO

SIMPÓSIO: ST 04 - Práticas em Pesquisa Artística: metodologias, epistemes e poéticas

Joliene Kate Nascimento Pinto
Universidade Federal do Pará
Jollienascimento73@gmail.com

Sônia Maria Moraes Chada
Universidade Federal do Pará
sonchada@gmail.com

Resumo. Este trabalho propõe uma reflexão sobre a musicalidade amazônica contemporânea a partir da análise do episódio “Sampleados Ribeirinhos”, da web-série Sampleados. A produção utiliza o sampleamento como prática estético-política de reexistência, articulando sons, imagens e narrativas que ressignificam o cotidiano ribeirinho em linguagem digital e afetiva. A pesquisa adota abordagem qualitativa de natureza teórico-interpretativa, fundamentada na etnomusicologia, nos estudos culturais e nas epistemologias decoloniais, associada à etnografia virtual dos comentários publicados no *YouTube*. O episódio analisado é compreendido como cartografia sonora onde práticas tradicionais, como o carimbó, dialogam com recursos da cultura digital para construir sentidos de pertencimento, ancestralidade e resistência simbólica. A análise da recepção evidencia um engajamento afetivo por parte do público, especialmente marcado pela memória de Léo Platô, produtor da série. Os comentários revelam sentimentos de luto, orgulho local, valorização cultural e desejo de acesso, indicando a web-série como potente dispositivo de mediação e mobilização coletiva. O estudo mostra que a estética do sample remixa tempos, corpos e territórios, transformando a música em linguagem de insurgência e cuidado. Assim, a produção e sua recepção configuram uma escuta política que reposiciona a Amazônia Paraense como paisagem sonora viva, periférica e insurgente.

Palavras-chave. Cultura, Território, Música, Sample e Reexistência

Title. Sampled Amazon from Pará: The Interweaving of Narratives, Landscapes, and Digital Culture

Abstract. This paper proposes a reflection on contemporary Amazonian musicality based on the analysis of the episode "Sampleados Ribeirinhos", from the web series Sampleados. The production employs sampling as an aesthetic-political practice of reexistence, articulating sounds, images, and narratives that reframe riverside daily life through a digital and affective language. The research adopts a qualitative, theoretical-interpretative approach, grounded in ethnomusicology, cultural studies, and decolonial epistemologies, combined with virtual ethnography of comments posted on *YouTube*. The analyzed episode is understood as a sound cartography in which traditional practices, such as



carimbó, interact with elements of digital culture to construct meanings of belonging, ancestry, and symbolic resistance. The reception analysis reveals affective engagement from the audience, especially marked by the memory of Léo Platô, the series' producer. The comments reveal feelings of mourning, local pride, cultural appreciation, and the desire for access, indicating the web series as a powerful tool for mediation and collective mobilization. The study shows that the sampling aesthetic remixes time, bodies, and territories, transforming music into a language of insurgency and care. Thus, the production and its reception configure a political listening that repositions the Amazon of Pará as a living, peripheral, and insurgent soundscape.

Keywords. Culture, Territory, Music, Sampling, Reexistence.

Tecendo Vozes e Territórios- Elementos Introdutórios

A música, na Amazônia Paraense, é um potente vetor de memória, identidade e transformação cultural. Em uma região marcada por apagamentos coloniais, desigualdades estruturais e práticas cotidianas de resistência, a musicalidade aparece como campo de disputa simbólica, como prática política que atravessa o corpo, a paisagem e a escuta.

Segundo Martins (2021), a performance da memória é um gesto contínuo de atualização do vivido, e é nesse gesto que a música amazônida se inscreve: como forma de narrar-se e de permanecer e tem se consolidado como espaço fértil para novas expressões sonoras, nas quais tecnologias de remixagem, colagem e sampleamento atuam como práticas estético-políticas de reexistência.

O sampleamento, a colagem e o remix (técnicas antes associadas ao universo técnico da produção sonora) tornaram-se ferramentas de criação estética e insurgência narrativa nas mãos de artistas amazônidas. Como aponta Canclini (2008), a cultura híbrida nasce da articulação entre tradição e modernidade, do cruzamento entre práticas locais e fluxos globais, e é precisamente essa articulação que se revela na música digital produzida na região.

A web-série Sampleados inicia como um projeto acadêmico idealizado por alunos do curso de Comunicação Social, da Faculdade Estácio do Pará (Estácio/FAP), sendo realizada pela produtora Platô Produções. A proposta central da web-série consiste em incorporar músicas paraenses ao enredo, por meio da técnica do *mashup*, composições musicais criadas a partir da combinação de trechos de diferentes canções, formando uma nova obra sonora (Souza, 2018). Nesse cenário, a web-série Sampleados se apresenta como um dispositivo audiovisual que documenta e reinventa a musicalidade amazônida a partir de experiências de escuta, criação e pertencimento.



Este artigo propõe uma reflexão sobre o episódio “Amazônia Ribeirinhos”, da referida web-série, tomando-o como campo simbólico para compreender como a música digital, articulada à estética do sample, torna-se linguagem de afirmação territorial, de evocação ancestral e de reexistência cultural. Mais do que objeto artístico, a obra é compreendida aqui como prática discursiva que convoca narrativas coletivas e afetos partilhados.

A abordagem estética do sample, entendida aqui como uma prática que recontextualiza sons para criar novos significados (Rose, 2021), transforma-se em um modo de convocar memórias e afetos coletivos. Ao articular fragmentos sonoros que atravessam o tempo, da música popular ao som das águas, do carimbó ao *beat* digital, o sample se apresenta como tecnologia de memória e resistência, uma espécie de cartografia sonora de vivências locais.

Nesse sentido, como propõe Hall (2006), a identidade cultural não é algo fixo, mas um processo contínuo de formação e transformação, e a estética da web-série assume essa instabilidade como força criadora.

Além da análise da materialidade audiovisual do episódio, este estudo incorpora os comentários publicados por espectadores no *YouTube*, entendendo-os como formas de escuta pública e partilha afetiva. Esses fragmentos digitais, comovidos em grande parte pela morte recente de Léo Platô (produtor da série falecido em agosto de 2023), não apenas reagem à obra, mas a prolongam, ampliando seu alcance simbólico.

Como destaca Suely Rolnik (2016), a arte capaz de produzir mundos é aquela que afeta e é afetada, instaurando zonas de contato entre o sensível e o político. Os comentários são, assim, testemunhos de uma escuta engajada, que transforma a recepção em continuidade criadora.

A proposta, assim, é entrecruzar teoria, estética e escuta pública em uma abordagem que reconhece a música como ferramenta de mediação cultural e política. Utilizando aportes da antropologia da música, dos estudos culturais e das epistemologias decoloniais, busca-se compreender como a produção sonora e sua recepção virtual colaboram para narrar a Amazônia paraense não apenas como floresta, mas como território vibrante de práticas vivas, insurgentes e coletivas.

Este trabalho, portanto, propõe uma análise entrecruzada que articula teoria, estética e escuta pública. A partir de aportes da antropologia da música, dos estudos culturais e das epistemologias decoloniais, especialmente aquelas que, como destaca Walsh (2019),



reconhecem os saberes locais como formas legítimas de conhecimento, buscamos compreender como a música, em sua produção e recepção digital, atua como ferramenta de mediação cultural e política. A Amazônia paraense, nesse percurso, é narrada não apenas como floresta exuberante, mas como paisagem sonora de práticas insurgentes, onde a arte e a vida se misturam e se fazem audíveis.

Diante desse panorama, este artigo se orienta pela seguinte pergunta: **De que modo a estética do sample, mobilizada na web-série *Sampleados*, especialmente no episódio “Sampleados Ribeirinhos”, se configura como uma linguagem de afirmação territorial, evocação ancestral e reexistência cultural na Amazônia Paraense contemporânea?**

Escutas em rede: entre o virtual e o teórico: rios metodológicos

Esta pesquisa está ancorada em uma abordagem qualitativa de natureza teórico-interpretativa, orientada pela escuta sensível e pela imersão crítica em paisagens sonoras e digitais da Amazônia Paraense. Parte-se do entendimento de que a música, enquanto linguagem estética e política, carrega camadas de sentido que ultrapassam o audível, articulando corpo, memória, afeto e território.

Assim, a investigação articula três eixos metodológicos complementares: a) revisão bibliográfica crítica (Gil, 2019), b) etnografia virtual interpretativa (Hine, 2005) e c) contribuições da etnomusicologia (Seeger, 2008), compreendida aqui como campo que conjuga análise musical e compreensão contextual da música como prática social.

A fundamentação teórica do trabalho está situada no entrecruzamento entre a antropologia da música, os estudos culturais, as epistemologias decoloniais e a própria etnomusicologia, que neste estudo atua como ferramenta para ouvir o som em sua espessura social, simbólica e performática. As contribuições de Hall (2006), ao compreender a identidade como construção histórica e discursiva, oferecem suporte para analisar as formas de pertencimento evocadas pela música digital. Para tanto, Seeger (2008), a partir de uma perspectiva etnomusicológica, propõe uma escuta atenta às maneiras como o som se inscreve nas dinâmicas sociais e nos modos de vida, escuta esta que orienta toda a análise proposta neste artigo.



No mesmo movimento, Rolnik (2019), com seu conceito de “estética da insurreição”, ilumina a potência política da arte que se enraíza nos afetos e na fabulação de mundos possíveis, especialmente em contextos periféricos. E Canclini (2006) contribui com sua reflexão sobre os processos de hibridismo cultural, mostrando como tradição e tecnologia se fundem nas expressões simbólicas urbanas e ribeirinhas.

Como campo simbólico de análise, foi selecionado o episódio “Sampleados Ribeirinhos”, da web-série Sampleados: (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Du0H8R5wy54>). Para acessar o vídeo escaneie o QR Code abaixo:

Figura 1 – QR code para acesso ao episódio, amostra deste estudo



Fonte: Elaboração própria (2025)

A escolha do episódio se justifica por sua potência estética e por articular sons, imagens e narrativas que exemplificam estratégias culturais de reexistência na Amazônia Paraense. A obra foi analisada não apenas em sua materialidade audiovisual, mas também como prática musical situada, onde os processos de sampleamento e remixagem constroem paisagens sonoras híbridas que acionam memórias, identidades e afetos.

A análise se divide em duas abordagens que se complementam: a) a interpretação do episódio sob uma lente etnomusicológica e das teorias culturais, e b) a realização de uma etnografia virtual da recepção da obra, com foco nos comentários publicados por espectadores na plataforma *YouTube*. Esses comentários, compreendidos como fragmentos discursivos,



revelam sentidos resultantes de valorização cultural, pertencimento e luto (especialmente diante da morte de Léo Platô, produtor da web-série, falecido em agosto de 2023, como mencionado). Nesse espaço digital, a recepção não é passiva: ela compõe, prolonga e ressignifica a obra, demonstrando como o público também participa da criação simbólica.

Por meio dessa articulação entre teoria crítica, escuta situada e análise musical contextualizada, a pesquisa busca compreender como a música digital amazônica atua como linguagem de reexistência e afirmação territorial, tensionando representações hegemônicas da Amazônia paraense e ativando experiências coletivas que se inscrevem na estética e na política do som.

Narrativas sonoras da floresta: análise do episódio “Sampleados Ribeirinhos”

O episódio configura-se como uma produção audiovisual potente na articulação entre música, imagem e território. Sua estética é composta por múltiplas camadas sonoras, visuais e narrativas que atualizam práticas culturais amazônicas por meio da linguagem digital do sampleamento. Ao remixar falas, cantos, ritmos e imagens da vida ribeirinha e urbana do Pará, a obra cria um mosaico sensível de reexistência cultural.

Logo nos primeiros minutos, o episódio estabelece uma atmosfera sensorial rica, com a justaposição de paisagens da floresta e sons eletrônicos que reverberam *beats* de aparelhagem, carimbó e tambor. O uso do sampleamento transforma vozes e sons do cotidiano em matéria-prima para composições eletrônicas, resignificando-os como gestos de memória, resistência e invenção (Seeger, 2008).

A presença de grupos de Carimbó, como o Grupo Carimbó Selvagem, tensiona as fronteiras entre o tradicional e o contemporâneo, criando novas paisagens sonoras a partir do que já existe, um procedimento que remete à “tradição reinventada” (Cancelini, 2006). Visualmente, a obra aposta em planos fechados e texturas da floresta, criando uma poética da presença e da intimidade com o território.

A narrativa visual e sonora constitui uma cartografia sensível de pertencimentos, mobilizando afetos, saberes ancestrais, destacados pelas lendas amazônicas, e histórias para compor uma estética da reexistência (Rolnik, 2019), em que a criação artística é forma de luta por visibilidade e existência.



“Aprenda a pedir licença pra entrar na floresta, senão os seres místicos vão aparecer pra te ensinar.” A frase que abre o episódio “Sampleados Ribeirinho”, descrita na legenda do vídeo, não é um simples aviso: é uma convocação para ouvir com o corpo inteiro. Escutar, nesse caso, não é apenas uma ação auditiva, mas uma postura ética diante do território. Para Cavarero (2011) Escutar é deixar-se afetar, desse modo compreendemos que a floresta, o rio, os ribeirinhos, tudo fala. E quem quiser entender, precisa primeiro respeitar.

Gravado entre o Porto Boa Vista do Acará e a comunidade de Piriquitaquara, no estado paraense, o episódio nos conduz por um dia comum e, ao mesmo tempo, extraordinário, na vida das famílias ribeirinhas. Lavar roupa no rio, colher açaí, preparar o almoço coletivo. Tudo isso se desenrola ao som de uma trilha sonora que não está ali apenas como fundo musical: ela é personagem viva dessa história. A música atravessa os corpos, os gestos, as paisagens, e se torna parte da linguagem com que aquele mundo se comunica.

Na voz de Valéria Paiva, o clássico “Este rio é minha rua” (Paulo André/Ruy Barata) ressoa como um manifesto de pertencimento:

“Este rio é minha rua
minha e tua, mururé
piso no peito da lua
deito no chão da maré
rio abaixo, rio acima
minha sina cana é,
só de pensar na Matinta
me alembrei de Abaeté

Pois é, pois é! eu não sou de igarapé
quem montou na cobra grande
não se escancha em Puraqué
Pois é, pois é! eu não sou de igarapé
quem montou na cobra grande
não se escancha em Puraqué”.

É por essa rua líquida que se move a vida ribeirinha, feita de deslocamentos, silêncios e saberes que nem sempre cabem nas palavras, mas que a música sabe traduzir.

Na canção “Curupira Guardião”, tendo a composição de Herivelto Martins, a presença do mito amazônico emerge como força de proteção e alerta: o som convoca a memória dos encantados para lembrar que esse território tem dono, tem espírito, tem história. É um chamado à escuta das presenças invisíveis, que dançam entre o real e o mágico.



“Se tu entras na floresta,
sem um guia protetor
anda pra frente, vai pra trás
não adianta mas o curupira te pegou.
Ele dá o laço no cipó
que ninguém pode desfazer,
pega a tua vida e dá um nó
ficando só vais te perder
O Curupira...
Pega a tua vida e dá um nó
ficando só vais te perder.”

Antes mesmo que o *beat* se anuncie por completo, a voz que canta convoca não apenas o ouvido, mas a memória do território. Há algo de advertência e de afeto na forma como o verso se aproxima, como quem avisa com cuidado, mas também com esperança. A música, aqui, se inscreve como um dispositivo de preservação simbólica, em que o som opera como tecnologia da memória e da presença. Como afirma Martins (2019), a palavra cantada não apenas diz, mas convoca, reorganiza o tempo e reinscreve o corpo no mundo.

No gesto simples de anunciar o risco da perda (da madeira, da natureza, do espaço de encontro dos passarinhos), a canção evoca um campo de tensões entre permanência e apagamento, é uma poética da atenção, onde cada palavra é também uma forma de cuidado. Para Rolnik (2019), trata-se de uma “estética da insurreição”, capaz de resistir não pela força, mas pela delicadeza insistente de quem se recusa a desaparecer. É nesse campo de sentido, onde o afeto se torna gesto político, que o *sample* se revela:

“É preciso ter cuidado
Pra madeira não sumir,
Pois no galho passarinho
Gosta de se reunir...”

(Maestro Salomão Habib)

A canção avança e, com ela, a floresta começa a falar por dentro do alimento. Se no *sample* supracitado havia um chamado à preservação da madeira como espaço de encontro e vida, agora o protagonista é o açaí (fruta, corpo, mito e sustento) que ocupa o protagonismo da narrativa sonora. O verso, entre pergunta e celebração, reinventa o pertencimento a partir da oralidade e da cozinha ancestral:



E pra quê tu foi plantado?
E pra quê tu foi plantada?

(composição de Nilson Chaves)

A fruta já não é apenas nutriente ou mercadoria, ela se transmuta em símbolo de fartura, de sacralidade, de resistência compartilhada. Como aponta Viveiros de Castro (2002), nas cosmologias ameríndias os alimentos não apenas alimentam: eles pensam, organizam e corporificam mundos. Nesse contexto, o açaizeiro é elevado à condição de entidade viva, fruto-mártir, sabor-marajoara que se oferece em sacrifício cotidiano nas mesas ribeirinhas e urbanas, revelando camadas profundas da memória alimentar amazônica.

A letra costura o ordinário e o sagrado em versos que deslizam entre a oferenda e o manifesto:

Põe tapioca, põe farinha d'água
Põe açúcar, não põe nada
Ou me bebe como um suco
Que eu sou muito mais que um fruto
Sou sabor marajoara
Sou sabor marajoara
Sou sabor...

(composição Nilson Chaves)

Neste trecho, o sample age como um arquivo vivo, aquilo que, segundo Mbembe (2017), diz respeito à maneira como o presente se relaciona com o passado e projeta o futuro. Ao conjugar práticas alimentares com invocações de identidade, a canção não apenas canta o açaí: ela convoca sua história, seu valor simbólico e sua potência de reexistência. A oralidade cantada se transforma, assim, em escrita sonora do território e o alimento se torna memória afetiva. Esses versos não descrevem a Amazônia; eles sentem a Amazônia. Há, na letra e na melodia, um modo de viver que é indissociável do lugar.

A estética sampleada da web-série (marcada pela colagem de imagens, sons, depoimentos e performances) não apenas mistura ritmos, mas remixa tempos, práticas e afetos. O passado não é um arquivo congelado, contudo se incorpora em uma fonte viva de criação. A ancestralidade ribeirinha ecoa nos tambores do grupo Carimbó Selvagem, na dança de pés descalços, no corpo que gira e canta como quem conversa com os encantados da mata. O



carimbó, e o brega não são apenas estilos: são linguagens de reexistência. E fica explícito no trecho:

“Eu chego forte
Eu sou do Norte
Eu bato firme
No couro do tambor (2x)
E nessa onda de dançar carimbó
Agitou toda galera
Quem ouviu, dançou que só...
E nessa onda, vem dançar meu bem
Vou remando meu barquinho
de Portel até Belém.

(composição: Simone Viana)

Mais que um retrato da cultura ribeirinha, o episódio oferece uma vivência sensorial, uma imersão ética e estética no modo de ser de um povo. Cada fala, cada batida de máquina de açaí, cada som musical, nos ensina que resistir nem sempre é lutar no campo da guerra, mas sim afirmar a vida nos seus detalhes mais simples. Cozinhar em coletivo, contar histórias, manter viva a oralidade e as sonoridades da floresta, tudo isso é política, tudo isso é cultura viva.

Como nos lembra Krenak (2019), a reexistência não precisa se explicar para sobreviver: ela se reinventa, canta e dança, mesmo quando o mundo tenta silenciá-la. “De Portel até Belém”, canta o grupo Carimbó Selvagem, marcando o compasso de uma travessia que além de ser geográfica é simbólica.

“Sampleados Ribeirinho” nos devolve a escuta. Uma escuta disruptiva que descoloniza, que aproxima, que pulsa junto com o som do remo na água e do batuque na cuia de açaí. É no entrelaçar do vivido com o cantado que floresce uma narrativa sonora de reexistência, onde cada acorde é também uma semente plantada no chão molhado da Amazônia.

Ecos de vozes e afetos: a escuta dos comentários

No universo digital em que “Sampleados Ribeirinho” circula, os comentários dos espectadores surgem como uma extensão viva da obra, ecos sensíveis que reverberam além da tela, configurando uma arena coletiva de sentidos, memórias e desejos. Esses fragmentos



discursivos revelam a potência da web-série enquanto dispositivo de reexistência cultural, lugar de encontro e afirmação identitária.

A etnografia virtual interpretativa (Hine, 2005) possibilitou acessar esse espaço simbólico onde a cultura digital amazônica se materializa em palavras, sentimentos e conexões. Nas falas do público, selecionamos como temas fundantes aqueles que mais aparecem, entre eles estão: valorização cultural, memória e luto, orgulho local, participação artística e desejo de acesso.

O luto é uma narrativa coletiva em torno da memória de Léo Platô. Esse luto transcende a perda individual e se configura como memorial afetivo, celebração da continuidade do legado por meio da arte. Como expressa um espectador: “Léo Platô vive!”, demonstrando que a web-série é também lugar de cuidado e resistência simbólica.

O orgulho local ressoa em comentários que afirmam pertencimento profundo ao Pará e à Amazônia, corroborando Hall (2006) sobre a importância das representações culturais na construção identitária. A web-série é espelho que valoriza práticas, corpos e histórias invisibilizados, fortalecendo vínculos territoriais.

A participação artística celebrada nos comentários revela o episódio como espaço coletivo e inclusivo, onde representantes da cultura popular, como o grupo de carimbó, simbolizam a força das tradições vivas, alinhado à estética da insurreição (Rolnik, 2019).

Figura 1- Tabela de núcleos temáticos dos comentários.

Tema	Comentário(s) Representativo(s)	Interpretação Analítica
Valorização cultural	“Essa série é um documento histórico.” “Isso é arte que emociona.” “Cada detalhe muito bem pensado.”	Destaca o valor simbólico da produção como registro e patrimônio cultural, reconhecendo-a como expressão híbrida e atualizada da cultura.
Memória e luto	“Léo Platô vive!” “Perdemos o Léo, mas ele deixou um legado de cultura pra gente!”	Luto coletivo que transforma a web-série em memorial afetivo, enfatizando a continuidade simbólica e a reexistência por meio da arte.
Orgulho local	“Eu sou do Norte!” “Vcs me deram orgulho.” “Ficou fantástico.”	Revela sentimento de pertencimento e reconhecimento identitário, alinhado à teoria da identidade cultural (Hall, 2006).



Participação artística

“Valéria Paiva no clipe?
Rainha.”
“Que honra participar desse
projeto.”
“Parabéns a todos.”

Celebração da coletividade e da
visibilidade de artistas locais,
reforçando o papel político da arte nas
margens (Rolnik, 2019).

Pedido por acesso

“Quando sai o próximo
episódio?”
“Quero assistir todos, tem
como baixar?”
“Tem mais no Spotify?”

Demonstra interesse e engajamento do
público, indicando a web-série como
potente plataforma comunicacional
que cria vínculos duradouros.

Fonte: Elaboração própria (2025).

Sonoridades finais: o som que ressoa e a reexistência que transborda

A análise dos comentários do público que acompanha Sampleados evidencia que a web-série transcende a condição de produto audiovisual e se consolida como mediadora de sentidos sobre o existir e reexistir na Amazônia paraense. Ao articular memória, afeto e pertencimento, a obra desloca-se do campo do entretenimento para afirmar-se como dispositivo de subjetivação coletiva e de produção de narrativas contra-hegemônicas.

A evocação constante da memória de Léo Platô, presente nas vozes dos espectadores, reafirma que a arte pode atuar como instrumento de continuidade simbólica, mantendo viva a experiência comunitária para além da materialidade da obra. O luto coletivo, transformado em legado, confirma que a criação artística não se encerra em si mesma, mas prolonga existências, reorganiza afetos e sustenta processos de reexistência.

Nesse sentido, a recepção digital não se limita à fruição estética: ela amplia e prolonga a obra, instaurando novas camadas de sentido. Cada comentário se torna um gesto de escuta e de enunciação, configurando uma arena de diálogo onde se constroem identidades, se atualizam memórias ancestrais e se reafirma o orgulho de pertencimento territorial.

A estética do sample, observada no episódio “Sampleados Ribeirinhos”, floresce, portanto, como linguagem política que recontextualiza sons e imagens para criar novas formas de narrar a Amazônia paraense. Ao remixar territórios, corpos e afetos, a obra demonstra que a música é também espaço de resistência, mediação cultural e invenção simbólica.

Conclui-se que Sampleados não apenas representa a Amazônia paraense, mas a faz ressoar. Seu som reverbera para além da tela, constituindo práticas de memória, cuidado e



afirmação coletiva. Assim, a web-série se inscreve como cartografia sonora insurgente que reposiciona a Amazônia paraense no cenário contemporâneo, não apenas como floresta, mas como território vivo de práticas culturais em permanente reinvenção.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

CAVARERO, Adriana. **Vozes Plurais: Filosofia da Expressão Vocal**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2011.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Dp&A Editora, 2006. 102 p. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

HINE, Christine. **Virtual methods: issues in social research on the internet**. New York: Berg Publishers, 2005.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2016.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

ROSE, Tricia. **Barulho de preto: rap e cultura negra nos estados unidos contemporâneos**. São Paulo: Perspectiva, 2021. Tradução de Daniela Vieira e Jaqueline Lima Santos.



SEEGGER, Anthony. Etnografia da música. In **Sinais diacríticos**: música, sons e significados. Giovanni Cirino (Trad.). Revista do Núcleo de Estudos de Som e Música em Antropologia da FFLCH/USP, n. 1. 2008, p. 237-260.

SOUZA, Victor Lopes de. **Belém metropolitana**: Representações midiáticas sobre o modo de vida urbano belenense nas webséries de comédia a solteirona e sampleados. 2018. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Instituto de Letras e Comunicação. Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem**: e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade do poder: um pensamento e posicionamento. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Pelotas**, [S.L.], v. 5, n. 1, p. 6-39, 1 set. 2019. Universidade Federal de Pelotas. <http://dx.doi.org/10.15210/rfdp.v5i1.15002>. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/revistadireito/article/view/15002>. Acesso em: 23 jun. 2025.

